

O périplo do sintoma no continente do nó borromeu

Conrado Ramos

Em 1976, Lacan formula que “só se é responsável na medida de seu *savoir-faire*”.¹ Ao colocar Joyce como exemplo de quem fez uma escolha da via por onde tomar a verdade, Lacan propõe que um modo específico e singular de gozo, que dá identidade ao *falasser*, pode ser atado por meio da nomeação ao falatório que representa o sujeito da cadeia significante. Nesse momento de seu ensino, o sintoma é colocado com um valor especial na orientação do percurso analítico.

As consequências dessas formulações na direção do tratamento, em especial no que diz respeito ao final de análise, ainda estão em franco debate. Algumas questões que a partir daí se colocam: na via do sintoma podemos pensar a psicanálise como a ética do *bem gozar*? Qual a necessidade da introdução de um quarto elo – o do sintoma – no nó borromeano? Seria o sintoma o *nó da ética*, isto é, uma referência ética encontrada por Lacan para os avanços clínicos pretendidos e suportados pela estrutura dos nós?

A questão central que coloco parte da afirmação de Lacan de que a boa maneira de se escolher a via por onde tomar a verdade “é aquela que, por ter reconhecido a natureza do *sinthoma*, não se priva de usar isso logicamente, isto é, de usar isso até atingir seu real, até se farta”.² Qual o sentido, ou melhor, a direção e quais as implicações desse uso lógico do sintoma?

Fazer uso lógico do sintoma é levar o analisando, como diz Nominé, “a frequentar o não todo”,³ o que implica uma perda de gozo de um lado e, de outro, uma função de representação de um gozo particular e irreduzível (função da qual *uma mulher*, por exemplo, pode participar).

O sintoma permite um uso lógico por causa de sua condição de *função*. O sintoma não é qualquer um, mas responde por uma medida, um recorte *cifrável* dentro de um conjunto (ainda que este conjunto seja não enumerável), recorte este que só pode se traduzir por uma letra:⁴ $S=f(x)$. A máxima de Protágoras de Abdera – “o homem é a *medida* de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são” – propõe, muito antes de Descartes, uma natureza instável diante da qual o homem, em sua singularidade, encontra a verdade por meio da decisão do sentido, decisão esta que não se faz sem *medida*. É um outro modo

¹ Lacan, *O Seminário*, livro 23: *O sinthoma* (1975-76/2007, p. 59).

² *Ibid.*, p. 16.

³ Nominé, *O sintoma e a estrutura familiar* (2007, p. 49).

⁴ Lacan, *O Seminário*, livro 22: RSI (1974-75, aula de 21 de janeiro de 1975)

⁵ Apud Lacan, *Abertura desta coletânea* (1966/1998, p. 9).

⁶ Quinet, *O sintoma: daquele que engana ao que não engana* (2003, p. 10).

⁷ *O sintoma e a estrutura familiar*, op. cit., p. 51.

⁸ Lacan, *O Seminário*, livro 16: de um Outro ao outro (1968-69/2008, p. 57).

⁹ *O Seminário*, livro 23: *O sintoma*, op. cit.

¹⁰ *O sintoma: daquele que engana ao que não engana*, op. cit.

¹¹ Lacan, *Nota sobre a criança* (1969/2003, p. 369).

de dizer da boa maneira de se escolher a via por onde tomar a verdade. Mas no caso da psicanálise trata-se da decisão do não sentido. Também o aforismo de Buffon – “o estilo é o próprio homem”⁵ – sugere o *estilo* como uma *medida* que suporta um valor de verdade do qual se pode extrair uma função. A ética, assim, não é desmedida, afinal, “só se é responsável **na medida** de seu *savoir-faire*”. Não posso deixar de questionar aqui se o sintoma não amarra a ética à identidade de gozo que é suposta numa medida enigmática, porém singular e irreduzível. O problema todo é que quem conta essa medida, quem dá sua cifra, seja o sintoma, pois, como escreve Quinet, o sintoma conta mal e está sempre em dívida: “se paga a mais, o sintoma dói – é sinto-mal; se paga a menos, a dor da angústia vem em acréscimo ao sintoma – é sinto-mais”⁶. Não basta dizer que os problemas do crédito são sintomas, é preciso ter claro que os sintomas são problemas de crédito. E agora sabemos bem: quando o crédito é demais, se fazem bolhas, mas as bolhas estouram, o que não se faz sem recessão ou depressão (ou melhor, sem inibição ou angústia), sem perdas e sem colocar o sujeito em contato com o real de sua economia. Sob essa perspectiva a análise não propõe outra coisa que não um *New Deal* pela via do descrédito (ou melhor, da descrença em relação ao sintoma).

Mas indo direto ao assunto, a função do sintoma faz laço: é a relação do pai com uma mulher, o que quer dizer que ele não é um símbolo puro (nos moldes de uma primeira versão do nome-do-pai), mas um pedaço de real, ou “o real ao redor do qual o inconsciente tece suas invenções”⁷. Tiro daqui que o sintoma é o complexo de Édipo reduzido à sua condição lógica que é a de fazer um conjunto que contenha o universo e sua ex-sistência:

$A (S \rightarrow (S \rightarrow (S \rightarrow (S \rightarrow A))))$.⁸

Se Lacan⁹ fala que podemos prescindir do Nome-do-Pai e que devemos ir além do Édipo, é porque a função do sintoma nos aponta para um 4º termo que sustenta a tríade pai, mãe, criança. O 4º termo é a mulher, que enquanto sintoma do pai (sua *pai-versão*) amarra a estrutura. Pai e mulher são sintomas que fazem laço ou, como diz Quinet,¹⁰ sintomas que tornam possíveis as *parcerias de gozo*.

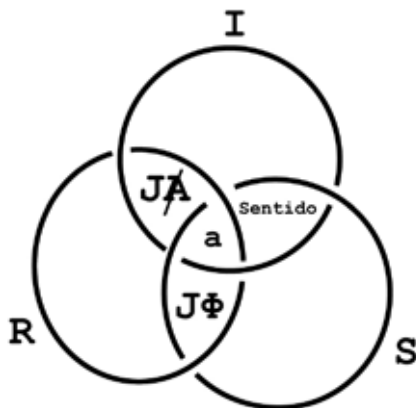
Já em 1969, Lacan escreve que:

Alfunçãoderesíduoexercida(e,aomesmotempo,mantida)pela famíliaconjugalnaevoluçãodassociedadesdestacaairreduzibilidade de uma transmissão – que é de outra ordem que não a dívida segundo as satisfações das necessidades, mas é de uma constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo.¹¹

Pois bem: a família conjugal com *função de resíduo*, o *irredutível* de uma *transmissão* que é da ordem de uma constituição subjetiva, implicando a relação com a *nomeação* de um desejo... O que será isso senão o complexo de Édipo em sua função de sintoma?

O casal parental, para além e independentemente da configuração histórica da família burguesa, é uma função. O casal parental é uma função particular e irredutível que se opera logicamente na direção de uma análise, não importando tanto quais figuras venham a ocupar essa função. É por isso que “o sintoma da criança [ou do infantil que todos nós somos] está no lugar de responder ao que há de sintomático na estrutura familiar”.¹² É vale aqui lembrar o que pode haver de objetivo (isto é, social e histórico) a participar das contingências deste *sintomático na estrutura familiar*, ao qual a singularidade da resposta de cada sujeito vem colocar em movimento o sintoma em sua função de laço com o Outro.

Orientemo-nos agora pelo *mapa* do nó borromeu.



A “teoria generalizada do sintoma”¹³ propõe que a significação fálica (JΦ) faz suplência à significação do gozo do Outro barrado (JA/), levando o sujeito a “embaraçar-se com o sentido”.¹⁴ É no sentido inverso, isto é, na *inversão do sentido*, ou melhor, para o *não-sentido*, que uma análise se dirige. E no nó borromeu é o Real que encontramos na direção oposta ao sentido: *quem atravessa o sentido vai dar no real*. Levar um sintoma até atingir seu real é levá-lo a sair do sentido. Mas isso não basta, pois no Real há ainda lugar para o gozo fálico e convém ir além do falo: o que há, no real, que se encontra *fora do sentido e além do falo*? Há o (JA/).

Diz Lacan:

O simbólico distingue-se por ser especializado, digamos, como furo. Mas o impressionante é que o verdadeiro furo está aqui, onde se

¹² *Ibid.*, colchetes meus.

¹³ *Soler apud Gerbase Os paradigmas da psicanálise* (2008, p. 57).

¹⁴ *Ibid.*, p. 56.

revela que não há Outro do Outro.

Aí seria o lugar do real, do mesmo modo que o sentido é o Outro do real, mas não há nada assim. No lugar do Outro do Outro, não há nenhuma ordem de existência.¹⁵

¹⁵ *O Seminário*, livro 23: o sintoma, op. cit., p. 130.

E mais adiante:

Opsicanalista é uma ajuda da qual podemos dizer que é uma inversão dos termos do Gênesis, posto que, assim como o Outro do Outro é o que acabo por definir há um instante como esse furinho aí. A hipótese do inconsciente tem seu suporte justamente na medida em que esse furinho possa, por si só, fornecer uma ajuda.

A hipótese do inconsciente, sublinha Freud, só pode se manter na suposição do Nome-do-Pai. É certo que supor o Nome-do-Pai é Deus. Por isso a psicanálise, ao ser bem-sucedida, prova que podemos prescindir do Nome-do-Pai. Podemos, sobretudo prescindir como condição de nos servirmos dele.¹⁶

¹⁶ *Ibid.*, pp. 131-2.

Noutros termos, se o psicanalista é uma inversão dos termos do Gênesis, é porque ele vai da realidade (*sentido*) ao sujeito suposto criador que, via de regra, é o *Deusintoma enganador*¹⁷ e, para traz dele, indo mais aquém do *Deusintoma* no percurso dessa inversão genética, o psicanalista é aquele que vai até o *verdadeiro furo cuspidor de nomes* (JA/), posto que não há Outro do Outro. Se o Gênesis visa dar consistência aos *efeitos* da criação, o anti-Gênesis põe em questão a *causa*.

¹⁷ Lembrando Quinet (*O sintoma: daquele que engana ao que não engana, op. cit.*), o sintoma enquanto efeito do simbólico no real não deixa o sujeito correr da dor (JΦ).

Assim, o anti-Gênesis é o desembaraçar-se do sentido, isto é, do ser, para situar-se na falta-a-ser: não há revolução que não atravesse isso e nem política verdadeira em que isso não esteja suposto. Do ponto de vista topológico, fazer política de verdade – fazer, da verdade, política – é revirar a esfera e não girar em círculos. Ou noutros termos: não é *gerar* em círculos. Não é reprodução do mesmo, não é repetição da gênese. Para revirar a esfera é preciso situar-se na falta-a-ser. Revirar a esfera é o anti-Gênesis. Por isso, o anti-Gênesis não tem a forma da regressão, mas sim a do tempo lógico, posto que não se pode chegar ao verdadeiro furo sem emendar uma trança de três tempos: I em S (*sentido*), S em R (JΦ) e R em I (JA/). Qualquer falha nessa trança em trevo não faz um nó, mas um trivial e infernal círculo.



Vejamos como Lacan descreve esse emendar:

Se pensamos que não há Outro do Outro, ou pelo menos que não há gozo desse Outro do Outro, precisamos de fato fazer em alguma parte a sutura entre esse simbólico que se estende ali, sozinho, e esse imaginário que está aqui. É uma emenda do imaginário do saber inconsciente. Tudo isso para obter um sentido, o que é objeto da resposta do analista ao exposto, pelo analisando, ao longo de seu sintoma.

Quando fazemos essa emenda, fazemos a mesma coisa em outra, precisamente entre o que é simbólico e o real. Isso quer dizer que, por algum lado, ensinamos o analisante a emendar, a fazer emenda entre seu sintoma e o real parasitado do gozo. O que é característico de nossa operação, torna esse gozo possível, é a mesma coisa que o que escreverei como *gouço-sentido* [*j'ouis-sens*]. É a mesma coisa que ouvir um sentido.

É desaturar as emendas que se tratam na análise. Mas convém dizer que devemos considerar as instâncias como realmente separadas. Imaginário, simbólico e real não se confundem.

Encontrar um sentido implica saber qual é o nó, e emendá-lo bem graças a um artifício.¹⁸

Na decifração, de sentido em sentido, ou melhor, de falácia em falácia, testemunha-se algo do real, posto que aos poucos, de corte em corte, percebemos que o *Deusintoma enganador* é na verdade um *sintoma desenganador* – ou seja, aquele que diz “*não tem jeito, não se engana a dor*”, mas pode se extrair dali um resto que esvazia o sentido e uma função que responde logicamente à falta de consistência do Outro [S(A/)].

Mas aonde se chega? Não a um nome, mas a um nomeador. E Lacan¹⁹ diz em *RSI* que esse nomeador não é outra coisa senão um buraco. Buraco onde os judeus enfiaram um Pai, do qual São Tomás de Aquino²⁰ afirmou que não pode ser incluído em conjunto nenhum, isto é, é *incingível*. Porém, isso que não cessa de não se escrever vai encontrar, justamente no sintoma, como aquilo que não cessa de se escrever do real, o recurso para precipitar a *lalíngua* na letra.²¹ Mas isso não se faz senão pela via da contingência, ou seja, como o que, inesperadamente, “torna esse gozo possível”, como um “gouço-sentido”, como o que cessa de não se escrever.

Usar o sintoma logicamente implica estratégias e táticas de *ocupação*, pois é necessário ganhar o terreno que separa o sintoma do gozo fálico. Mas esse terreno se ganha pela *inter*-pretação, cujo *ocupar* implica inserir o espaço topológico do corte e *domar* o sintoma até o ponto em que a linguagem possa fazer dele equívoco.²² Domá-lo é levá-lo do sentido que esconde o gozo ao próprio gozo como sentido (*j'oui-sens*). O uso lógico do sintoma é fazê-lo falar o

¹⁸ *O Seminário*, livro 23: *O sintoma*, op. cit., pp. 70-1.

¹⁹ *O Seminário*, livro 22: *RSI*, op. cit.

²⁰ São Tomás de Aquino, *Ontem e a essência* (12--/1973).

²¹ Lacan, *A Terceira* (1974)

²² *Ibid.*

que esconde (e que não é um sentido de gozo, mas um *gozo-sentido*), fazê-lo confessar, ou mais rigorosamente: dar seu testemunho. Todo sintoma é um testemunho do real que começa como um *falso testemunho* e termina como um *fausto testemunho*. Mas, acima de tudo, a ideia de servir-se do sintoma não é apenas uma formulação para a direção do tratamento. O *servir-se do sintoma* é o testemunho da passagem de analisante a analista, pois, só se pode usá-lo quando não mais se crê nele. E o que fazer com o sintoma? Cada um que saiba do seu! Cada um que invente um artifício, segundo *sua medida*.

Aí está: o que se pode fazer com o incomensurável e com o desmedido? A resposta que a psicanálise pode dar: do incomensurável e do desmedido se faz sintoma e arte. No melhor dos casos se faz *sintomarte*.

O analista, no entanto, como afirma Quinet,

[...] deve podertomar distânciado Um de seusintoma, ea condição paratalênãose servirdelenasanálisesqueconduzesimsaberlidar comelepara não fazer o Um para o analisante. A saída do impasse do Um para o analista não é o sintoma-letra de gozo e sim o estilo.²³

²³ Quinet, *O Um – do im-passe ao passe* (2004, p. 16).

²⁴ *Ibid.*

²⁵ *Ibid.*, p. 17.

E Quinet continua: “o estilo é a marca não significativa que o analista traz em seu ato e em sua interpretação”.²⁴ Mas, “em relação ao sintoma, o estilo é da ordem do saber lidar (*savoir y faire*)”,²⁵ ou seja, o estilo não coincide com o sintoma, pois não é uma marca significativa, mas responde pela dimensão ética a ele relacionada. O estilo não é o sintoma, mas é justamente o *fazer uso lógico* do sintoma, o ter de se haver com ele e fazer escolhas.

Pois bem, entendo que a função do sintoma, ou melhor, que o sintoma compreendido como função, coloca-nos diante do ato de cingir o *incingível* por meio de um artifício. Os sintomas são, então, *amarra-gozos*, no que isso equivoca com *amargosos* e *amar-a-gozos*. É nesse sentido do sintoma como *amarra-gozos* que proponho um entendimento para o que diz Gerbase:

Comefeito, atualizando o Complexo de Édipo no RSIΣ, ousamos afirmar que o gozo do sintoma [JΣ] subsume o gozo fálico [JΦ]; nessa mesma operação, o gozo do sintoma [JΣ] subsume o gozo do Outro [JA/]; o gozo do sintoma, por suave, subsume o gozo do sentido [JS]; e, finalmente, o gozo do sintoma [JΣ] subsume o mais-de-gozar [a].²⁶

²⁶ *Os paradigmas da psicanálise*, op. cit., p. 78

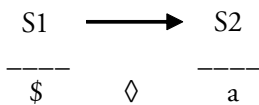
E se amarrar é prender, é cingir, é *recalcar* o gozo do Outro (JA/) (lembrando que recalcar quer dizer conter e apertar bem), os sintomas põem limites ao gozo do Outro: o sintoma tem função de Pai, que *barra-gozo*. O sintoma é um mal-entendido: é sempre um

esforço de usar da *lalíngua* para dar sentido, isto é, responder “ao que há de sintomático na estrutura familiar”, compreendida como função particular e irreduzível. Mas o mal-entendido do sintoma não impede seu bem-dizer na forma do *joui-sens*: “o ensino de Lacan vai da importância do sentido do sintoma à desvalorização de seu sentido, o qual é desvelado em última instância como sentido de gozo [*joui-sens*]”.²⁷

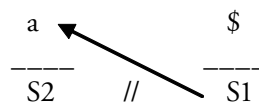
Pela via do sintoma posso afirmar que toda liberdade estratégica e tática da direção do tratamento está condicionada ao fato de que tapar (ou tapear, ou estapear) não é o mesmo que cingir. Enfim, é preciso levar do sintoma que tapeia, que tampa, que estapeia ao sintoma que cinge. Mas como cingir o *incingível*? Os matemáticos nos ensinaram que não há outra forma de lidar com o impossível senão pela escrita. Assim, o sintoma que cinge nos aponta para a função da letra. Nesse périplo do sintoma na amarração dos gozos ele se articula com algo da ordem da *letra*. O mapa do *litoral* que o sintoma constitui é o nó que ele escreve.

A decifração do sintoma que tapeia, estapeia e tampa permite levá-lo à cifração do real.²⁸

Sintoma que tapeia



Sintoma como cifração do real



E o que é cifrar o real? Lacan responde: quando o espaço de um lapso “já não tem nenhum impacto de sentido (ou interpretação), só então temos certeza de estar no inconsciente”.²⁹ Ou, noutros termos:

Apartirdaí, aironia do ininteligível é o escabelo de que alguém se mostra mestre. Sou suficientemente mestre de la língua, da que é chamada francesa, para ter e mesmo chegado a isso, o que é fascinante, por estar ao gozo próprio do sintoma. Gozo opaco, por excluir o sentido.³⁰

Se não levamos o sintoma até atingir seu real, isto é, prescindindo do nome-do-pai, não saímos da tapeação, como escreve Lacan: “Só há despertar por meio desse gozo [o gozo próprio do sintoma], ou seja, desvalorizado pelo fato de que a análise que recorre ao sentido para resolvê-lo não tem outra chance de conseguir senão se fazendo tapear... pelo pai, como indiquei.”³¹

²⁷ *O sintoma: daquele que engana ao que não engana*, op. cit., p. 13.

²⁸ Agradeço à Dominique Fingermann a articulação do sintoma com os discursos, conforme o esquema a seguir.

²⁹ Lacan, *Prefácio à edição inglesa do Seminário 11* (1976/2003, p. 567).

³⁰ Lacan, *Joyce, o sintoma* (1975/2003, p. 566).

³¹ *Ibid.*, colchetes meus.

Pois bem, as análises que dão ao analisante o sentido do sintoma não fazem outra coisa que tapeá-lo com *nomes-muletas*. Seus analistas são *muleteiros*, tanto no sentido do *apoio* que constroem em série, quanto no do tipo de pessoas que preparam para a aceitação do trabalho forçado. Tais análises não são infinitas, mas seus términos se dão quando o esmo indica o fim da esmola e a hora de *picar a mula*. Como ninguém, esses analistas sabem iluminar, por contraste, a política e a ética que aqui defendo, a de que a análise deve levar o analisante aos restos opacos de seu inconsciente, ou seja, aos seus pedaços cifrados de real, o que não é outra coisa senão a *lalíngua*. Desse modo, a análise é uma *moleta-de-nomes* e não se a termina realmente sem estar moído, em vez de moldado. Mas isso não é feito sem *fascínio*, sem *despertar*, sem *boa maneira*, sem a satisfação da *tomada da verdade* e sem laço social,³² o que dá ao gozo do sintoma sua dimensão ética e política.

Para concluir, quero dizer que é possível associar a parte de baixo do discurso do mestre, referente à fórmula da fantasia ($\$ \diamond a$), com o lugar do sentido no mapa borromeano, na medida em que se coloca como *condição absoluta* da *realidade do sujeito*. A parte de cima, $S1 \rightarrow S2$ (campo da decifração), por sua vez, coloca em movimento o sintoma que engana enquanto produção de significação, e está associada ao lugar do gozo fálico no mapa borromeano. Como avesso do discurso do mestre, coloco o discurso do psicanalista associado ao lugar, no nó, do gozo do Outro barrado, posto que, de $S1$ no lugar da produção para a no lugar de causa (*agente* no discurso), localizamos o gozo do sintoma no final de análise (gozo opaco, por excluir o sentido), na sua qualidade de *função*, ou seja, como recurso para precipitar a *lalíngua* na letra, tendo em vista que há uma impossibilidade real entre o $S1$ produzido (gozo do sintoma, campo da cifração) e o saber ($S2$) no lugar da verdade (e que constitui a própria *lalíngua*). O objeto causa é, pois, o que representa a *alíngua* para o desejo enquanto sujeito. Observo ainda que o $S1$ do discurso do analista associado ao lugar do gozo do Outro barrado está escrito no corpo, não só porque está fora do simbólico, mas também porque “não é só o Simbólico que tem o privilégio desses Nomes do Pai”.³³

No périplo pelo nó, o analista não pode *remar para traz* (do latim: *in-hibitio*, *õnis*) na barca da fantasia, nem *juntar o que está cortado* (do grego: *symp tomé*), suprimindo o *litoral* que há entre $S1$ e $S2$: eles são de territórios diferentes. É preciso remar em direção ao furo, atravessar o *espaço estreito* (do latim: angustia) até o outro lado

³² Valho-me aqui da distinção proposta por Colette Soler (conforme Quinet, 2003) entre o *sintoma autista* (que consiste no real do gozo fálico) e o *sintoma borromeano*, que permite *parcerias de gozo*.

³³ O *Seminário*, livro 22: RSI, *op. cit.*, aula de 15 de abril de 1975.

do desfiladeiro. A viagem só termina depois do *passe* da angustura.

Mas, o que é isso que faz périplo costurando três aros ao passar pelos buracos do sentido, do JΦ e do JA/? Eis aí nosso 4º nó!



Referências bibliográficas

- GERBASE, J. *Os paradigmas da psicanálise*. Salvador: Campo Psicanalítico, 2008.
- LACAN, J. (1966) Abertura desta coletânea. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998, pp. 9-11.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (1968-69). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- LACAN, J. (1969) Nota sobre a criança. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 369-370.
- LACAN, J. (1974) *A Terceira*. Conferência pronunciada em Roma, em 31 de outubro de 1974. (Versão brasileira fora do comércio).
- LACAN, J. *O Seminário, livro 22: RSI* (1974-75). (Versão brasileira fora do comércio).
- LACAN, J. (1975) Joyce, o sintoma. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 560-566.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-76). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- LACAN, J. (1976) Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 567-9.
- NOMINÉ, B. O sintoma e a estrutura familiar. *Stylus: revista de psicanálise*. Rio de Janeiro, n. 15, novembro, pp. 45-56, 2007.
- QUINET, A. O sintoma: daquele que engana ao que não esgana. *Stylus: revista de psicanálise*. Rio de Janeiro, n. 6, abril, pp. 09-17, 2003.
- QUINET, A. O Um – do impasse ao passe. *Stylus: revista de psicanálise*. Rio de Janeiro, n. 9, outubro, pp. 11-18, 2004.
- SÃO TOMÁS DE AQUINO. O ente e a essência [12-]. In: **Os Pensadores**, vol. VIII. São Paulo: Abril Cultural, 1973, pp. 7-22.

Resumo

A questão central que trabalhamos neste artigo parte da afirmação de Lacan de que a boa maneira de se escolher a via por onde tomar a verdade é aquela que não se priva de usar o sintoma logicamente. Discutimos as consequências dessa formulação na direção do tratamento, discutindo suas incidências éticas e políticas, em especial no que diz respeito ao final de análise. Concluímos com o entendimento de que a função do sintoma, ou melhor, o sintoma como função, é cingir o incingível por meio de um artifício, operação na qual o sentido, o gozo fálico e o gozo do Outro barrado são amarrados.

Palavras-Chave

Sintoma, direção do tratamento, nó borromeu, ética, política.

Abstract

The main issue we worked on in this article is concerned with Lacan's sentence affirming that a good way to choose the path to achieving the truth is the one in which one is not deprived of using the symptom logically. We have discussed the consequences of that formulation in the treatment's direction, approaching its ethical and political outcome, especially with respect to the end of the analysis. We concluded it with the understanding that the symptom's function, or better said, the symptom as a function, is related to covering the uncoverable by means of an artifice, an operation in which the sense, the phallic enjoyment and the barred Other's enjoyment are tied.

Keywords

Symptom, treatment direction, Borromean ring, ethics, politics.

Recebido

10/07/2009

Aprovado

28/09/2009

